

Apresentação

Os textos reunidos nos três primeiros Cadernos “Metrópole: desigualdade e governança” retratam o estágio da pesquisa comparativa que vem sendo desenvolvida por um coletivo de instituições¹ e que ganhou institucionalidade ao se transformar, em 1997, no Grupo de pesquisa PRONEX “Metrópole, desigualdades sócio-espaciais e governança urbana: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte”. Nestes números são apresentados textos referentes a essas três regiões metropolitanas, complementados por textos de outros pesquisadores, com os quais mantemos relações sistemáticas de intercâmbio e cooperação e que vêm estudando as metrópoles de Porto Alegre e Buenos Aires.

A análise comparativa está ancorada na adoção, pelas equipes, de um mesmo quadro teórico, a partir do qual foi construída uma única problemática de pesquisa e definido um modelo metodológico comum. Trata-se de uma situação acadêmica pouco freqüente, uma vez que trajetórias intelectuais, universitárias e profissionais, e tradições institucionais tendem a limitar as possibilidades de pesquisas coletivas capazes de produzir resultados efetivamente comparáveis. Na grande maioria dos casos, a comparação se resume em cotejar os resultados de pesquisas individuais, desenvolvidas sob bases teóricas e procedimentos teóricos diferentes, o que não assegura necessariamente a construção de sínteses generalizáveis. Conseguimos superar esses obstáculos, em primeiro lugar, pela existência de uma atitude aberta naqueles que aceitaram o desafio, todos os portadores de tradições intelectuais reconhecidas no campo dos estudos urbanos e regionais. Em segundo lugar, pela existência de um acúmulo de reflexões adquiridas na longa participação de boa parte do grupo em fóruns de debates da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ANPOCS e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR.

Parece-nos, portanto, necessário oferecer ao leitor uma rápida apresentação de elementos que unificam teórica e metodologicamente a comparação pretendida, na medida em que podem ajudar à própria leitura dos textos reunidos neste volume, que, como produto de um trabalho em andamento, em muitos aspectos expõem idéias em movimento e expressam diferentes níveis de avanço da reflexão.

A nossa interlocução tem como ponto de partida as questões que vários pesquisadores, em vários países e a partir de diversos ângulos e disciplinas, têm formulado sobre efeitos das transformações econômicas e sociais em curso desde o final dos anos 70 e as possibilidades históricas de um novo modelo de desenvolvimento que supere as tendências à exclusão social. Os debates sobre as chamadas *global cities* ocupam lugar de destaque nesta agenda, não apenas por nelas se concentrarem tais efeitos, mas também em razão da revalorização das condições locais na explicação da modalidade dos capitais. A bibliografia sobre esse tema expressa a polêmica em torno do chamado paradigma de “pós-industrialização”. Para aqueles que o aceitam, as *global cities* seriam o produto direto das transformações tecnológicas, especialmente aquelas relacionadas à expansão das telecomunicações e da informatização, e do crescente papel do terciário superior na economia global, com ênfases variáveis no “modo de produção informacional” ou do capital financeiro. São os trabalhos orientados por esse paradigma que produziram as teorias mais elaboradas sobre as *global cities*, cuja hipótese central é a existência de vínculos estruturais e necessários entre a globalização das economias urbanas e a intensificação de sua dualização social. Algumas análises sobre Nova Iorque, Londres e Tóquio, consideradas como exemplos de *global cities*, têm servido para afirmar a tendência à diminuição das categorias profissionais médias, inclusive dos operários qualificados, em função da substituição do setor industrial pelos novos serviços produtivos, como centro do dinamismo das economias urbanas globalizadas. Esta tendência à dualização da estrutura social também contribuiria para a dualização espacial, por meio da apropriação cada vez mais exclusiva dos espaços mais valorizados pelas funções ligadas ao consumo de luxo, o que tem sustentado o surgimento de uma vasta literatura sobre temas como a *Dual City*.

Essa tese não é, entretanto, consensual no mundo acadêmico internacional. A polêmica em torno da interpretação dos efeitos da globalização expressa, na verdade, o confronto entre os paradigmas da pós-industrialização e o da reestruturação produtiva. Para os que adotam este conceito, as transformações da economia não levam necessariamente à dualização da estrutura sócio-espacial das grandes cidades como resultado da polarização binária ricos-pobres, ainda que os contrastes físicos e estéticos das diferenças sociais estejam cada vez mais exacerbados. Se, por um lado, os espaços exclusivos das categorias sociais abastadas são evidentes, por outro, a diversidade da estrutura social e a complexidade de sua distribuição espacial continuam em crescimento. Vários estudos sobre Paris, Londres, Madri,

Tóquio, entre outras metrópoles, chamam atenção para a dificuldade de se concluir sobre tendências universais e inexoráveis da globalização, em razão da inexistência de um modelo majoritário de globalização e das diferenças de trajetórias históricas entre cidades no movimento de transformação da sua base econômica ao serem incluídas nos macroprocessos de globalização. Se, por exemplo, a hegemonia da economia urbana é exercida pelo capital financeiro, verificam-se fortes tendências à transformação da cidade em “plataforma de exportação”. Nesse caso, apenas uma parte da estrutura urbana assume o papel de economia de aglomeração, surgindo movimentos de dualização da estrutura sócio-espacial.

O ponto que nos parece relevante neste debate é a constatação de que a globalização e a reestruturação são processos contraditórios, contendo dinâmicas de homogeneização e de singularização territorial, o que equivale dizer que as condições econômicas, sociais, institucionais e culturais locais podem ser fatores importantes na compreensão dos resultados sociais, espaciais e políticos da transformação das bases econômicas das metrópoles envolvidas neste estudo. Este pressuposto teórico-metodológico justifica e valoriza a pesquisa comparativa, como também nos permite assumir uma atitude crítica em relação à tensão otimismo-pessimismo, presente nos meios intelectuais brasileiros envolvidos na discussão do futuro das metrópoles brasileiras.

A nossa pesquisa também dialoga com debate sobre os efeitos das transformações sócio-espaciais no condicionamento do sistema político-institucional das cidades e os desafios colocados à adoção de modelos de gestão baseados na governança urbana. Existe na literatura um certo consenso a respeito dos destinos das cidades na globalização dependerem da construção de políticas fundadas nos princípios da ação concertada e negociada entre os atores, que permitam uma dupla trajetória: do aprendizado tecnológico e da instauração de convenções sociais entre forças locais. O primeiro princípio não deve ser simplesmente a instalação em uma dada cidade dos equipamentos necessários ao aumento da sua competitividade econômica, mas da aquisição de capacidade para se movimentar permanentemente em direção a estágios mais avançados de desenvolvimento tecnológico. Em outras palavras, trata-se de criar um ambiente que permita o domínio de espaços específicos da economia caracterizados por transbordamentos e complementaridades. Tal ambiente seria fruto de relações comerciais e não-comerciais, o que implica na segunda dimensão da trajetória, ou seja, a instauração de uma convenção entre os atores que permita sua coordenação para o cumprimento da trajetória econômica.

Em que medida o aprofundamento das desigualdades sócio-espaciais pode levar à fragmentação das identidades sociais, incentivar o individualismo negativo baseado no “familismo amoral”, empobrecendo a cultura cívica e destruindo o aprendizado participativo acumulado anteriormente ? Esses efeitos criam um

ambiente social muito pouco propício à construção e implementação de políticas públicas fundadas na estratégia da convenção. Encontramos exemplos na literatura de como a extrema segregação urbana gera bloqueios duradouros à constituição de identidades coletivas e à ação coletiva, como mostram vários trabalhos sobre os guetos negros americanos. Outros, ao contrário, mostram que certos casos de guetos étnicos e nacionais favoreceram a criação de laços de solidariedade no interior de grupos pobres que permitiram a criação de empreendimentos econômicos locais coletivos e competitivos. Outros resultados de pesquisas indicam, ainda, que a segregação teve importante papel na formação da identidade da classe operária parisiense, a partir da experiência da socialização da vida fora do trabalho.

Questões desta natureza e outras, correlatas, serão abordadas neste e nos dois próximos números de nossos Cadernos, que, esperamos, sejam um convite à reflexão e à pesquisa sobre as metrópoles e seus desafios.

Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro

1 Instituto de Pesquisa e de Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ, Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – IUPERJ, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas – PUC-SP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP, Centro de Estudos Urbanos – CEURB/UFRMG. Integram ainda este coletivo de pesquisa, na qualidade de parceiros e colaboradores, a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE e o Centre de Sociétés Urbaines – CSU/CNRS. A FASE participa com o IPPUR no desenvolvimento de um programa de pesquisa e extensão denominado Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal que, neste momento, tem como campo principal de atuação a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O CSU e o IPPUR mantêm há alguns anos um programa de cooperação e intercâmbio científico sobre o tema que é objeto desta publicação e que, neste momento, se amplia em razão da constituição do grupo PRONEX “Metrópole: desigualdades sócio-espaciais e governança urbana” envolvendo este conjunto de instituições.